



## **Rádio: História, Cultura e Identidade Fronteiriça<sup>1</sup>**

Deise Anelise Froelich - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí)<sup>2</sup>

Vera Lucia Spacil Raddatz - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí)<sup>3</sup>

### **Resumo**

O rádio é um meio de comunicação muito popular em nosso país e em especial na região noroeste do Rio Grande do Sul. É um veículo sem fronteiras que se propaga por todos os territórios. Os profissionais do rádio passam a exercer, portanto, a função de porta-vozes da integração dos povos fronteiriços. A partir da década de 50, surgiram as emissoras situadas nas regiões Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial, faixa de fronteira entre Brasil e Argentina. O objetivo deste paper é apresentar os primeiros resultados do Projeto Memória do Rádio Regional e discutir a importância do resgate da memória do rádio, o que implica falar sobre o desenvolvimento das comunidades onde foram instaladas, e traz à tona a identidade fronteiriça nas ondas do rádio. Possibilita ainda, compreender a cultura e a trajetória dos povos.

Palavras-chave:

Rádio. Memória. Identidade. Fronteira.

### **Rádio: História, Cultura e Identidade Fronteiriça**

Segundo Ferraretto (2001, p.23) o rádio é um “meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas”. Para além do caráter técnico citado pelo autor, o rádio é um veículo de formação de identidade e cidadania, devido à sua grande abrangência, presente em quase 100% dos lares brasileiros. Daí a sua importância, já que influencia diretamente nos hábitos, costumes e valores, enfim, no modo de viver dos ouvintes.

Seu caráter social perpassa fronteiras e acontecimentos históricos sendo um dos responsáveis pelo desenvolvimento e história das comunidades regionais. Neste sentido, o Projeto de Pesquisa “Fronteiras: a Identidade Fronteiriça nas Ondas do Rádio”, desenvolvido pelo Curso de Comunicação Social da Unijuí, destaca e busca compreender essa importante característica do meio radiofônico. O projeto visa à

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Área Temática Comunicação Audiovisual, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí. Bolsista de Pesquisa de Iniciação Científica Pibic/Unijuí do subprojeto “Memória do Rádio Regional”, vinculado ao Projeto “Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio”. E-mail: deisefroelich@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Profa Dra e pesquisadora do Curso de Comunicação Social da Unijuí; Coordenadora do Projeto “Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio. E-mail: verar@unijui.edu.br.

compreensão de como se formou a identidade regional inserida em um universo fronteiriço, especialmente no que diz respeito à fronteira Brasil-Argentina, e qual a contribuição que o veículo rádio trouxe para o desenvolvimento da história da região e fortalecimento de suas comunidades. Aqui queremos ressaltar mais especificamente as atividades que estão sendo desenvolvidas pelo subprojeto “Memória do Rádio Regional”.

### **Memória do Rádio Regional**

A proposta do subprojeto é o resgate e o registro de parte importante da memória do rádio das regiões Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul, além de analisar a formação da cultura e da identidade nos municípios situados na faixa de fronteira. O estudo contempla, especificamente, a Faixa de Fronteira da Subregião XVI do Rio Grande do Sul, pertencente ao Arco Sul, do qual fazem parte a Região Fronteira Noroeste com vinte municípios e a Região Noroeste Colonial com trinta e dois municípios. A idéia é resgatar a memória do rádio das regiões pesquisadas, com vistas à influência do veículo rádio na formação histórica e cultural da comunidade, e da mesma forma, a influência da comunidade no fazer radiofônico. Tal resgate se torna relevante porque muito da história dessas emissoras está ligada ao desenvolvimento das comunidades devido ao papel do rádio como veículo formador e articulador de opiniões, além de disseminar as mais diversas manifestações culturais. Registrar sua história é regenerar a história da comunidade regional.

Hoje, os historiadores se interessam mais pela relação entre história e memória, do que pela história contada pela domesticação do tempo natural, que é o calendário. Justamente porque a memória coletiva e documentada além de ser um patrimônio documental, vem a ser um patrimônio histórico e cultural. É o legado deixado pelo passado às comunidades presentes e futuras. Buscar as fontes que presenciaram a evolução do rádio regional é um compromisso com o registro da evolução e das conquistas da sociedade humana. É a oportunidade de (re) conhecer um patrimônio histórico do rádio, até então não documentado e de uma identidade cultural arraigada aos povos fronteiriços.

A importância da memória coletiva perpassa a linha histórica, manifestando-se de maneira intensa na luta das forças sociais do poder. Neste contexto, Le Goff (2003)

explica que a memória e o conhecimento podem ser considerados objetos de poder e uma preocupação constante das classes, dos grupos e dos indivíduos que de alguma forma dominaram ou dominam as sociedades históricas. Segundo o autor (2003, p.422), “os esquecimentos e o silêncio da história são reveladores deste mecanismo de manipulação da memória coletiva”. Logo, o estudo e a valorização da memória social são meios importantes para a compreensão dos problemas do tempo e da história. A memória é um meio para o registro e perpetuação do passado histórico. Mas também, é consequência dos fatos importantes que marcaram a história.

Enquanto a memória individual é formada pelas referências pessoais de cada indivíduo, a memória coletiva se apropria das narrativas individuais, e seleciona os fatos e aspectos considerados relevantes e que posteriormente serão guardados como memória oficial das sociedades. A partir dos processos de socialização, a memória individual se enraíza e se torna parte do social e do coletivo. Expressões como obras literárias, obras de arte, monumentos e arquivos de museus são frutos da formalização da memória coletiva.

Ainda, sobre o valor da memória e do seu registro, Le Goff conclui que a memória é um elemento fundamental para a construção da identidade individual e coletiva e para a evolução da sociedade:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucidada a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, das classes dominantes, lutando, todas, pelo poder, ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 2003, p.469).

Instiga buscar o registro da memória do rádio regional, a consciência cada vez maior do que se tem perdido, e a importância de uma intervenção oportuna para proteger o que permanece. Muitas emissoras não costumam guardar registros e arquivos de material em áudio ou impresso que registrem sua memória. Logo, o subprojeto “Memória do Rádio Regional” procura justamente preencher esta lacuna, já que até o momento não há registro formal da história das emissoras localizadas nas regiões em estudo. A história do rádio foi construída pelos radialistas e ouvintes e, portanto,

pertence a todos. É importante que as comunidades tenham acesso aos dados que ajudaram a construir seus hábitos e práticas culturais, enfim, sua identidade.

Além desses aspectos, a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí, é reconhecida por valorizar políticas voltadas para o desenvolvimento regional. Diante disto, o projeto vem ao encontro desta perspectiva proposta pela universidade, já que busca por meio de uma comunicação de caráter social, contribuir no resgate da história das emissoras de rádio da Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial, o que será importante para o desenvolvimento das regiões envolvidas. A pesquisa, quando concluída, se constituirá em um material de grande valia para os pesquisadores, comunidade acadêmica e a sociedade em geral, além de estimular as emissoras a valorizar sua história e memória registrando-as de modo coerente.

Para o registro da história das emissoras, o subprojeto segue alguns passos metodológicos principais. O primeiro contempla a pesquisa bibliográfica em arquivos particulares, museus e imprensa escrita e sonora. Em seguida são realizadas visitas às emissoras de rádio das regiões em estudo. A partir das visitas, são organizados os dados coletados através de documentos escritos e sonoros, observação da programação, arquivos históricos, além de entrevistas abertas e semi-estruturadas com pessoas que participaram da construção da história das emissoras de rádio como profissionais, proprietários, ouvintes e patrocinadores. São ainda realizadas entrevistas abertas e semi-estruturadas com radialistas que fizeram ou fazem parte das emissoras estudadas. Logo, se faz a análise dos dados compilados e a redação dos textos de resultado da pesquisa. O último passo, talvez o mais importante, é a socialização dos resultados objetivos em seminários, simpósios, jornadas de pesquisa e artigos científicos. Assim pretende-se coletar material suficiente para futura produção de um livro e um CD - documentário sobre o tema pesquisado.

### **A identidade fronteiriça**

A pesquisa contempla também a análise da formação da cultura e da identidade nos municípios situados na faixa de fronteira, com a intenção de analisar como se dá a construção da identidade fronteiriça nas ondas do rádio. O resgate da história das emissoras facilita esta percepção e devida análise. Na faixa de fronteira entre Brasil e Argentina, o multiculturalismo é propagado e fortalecido pela interação de ouvintes dos

povos vizinhos através do rádio e, portanto, se faz relevante compreender de que modo ocorre este fenômeno e quais suas implicações culturais, sociais e políticas.

Muito mais do que um marco físico, as fronteiras podem ser consideradas uma simbologia, uma maneira de orientar a concepção de realidade que temos, utilizando-se de símbolos que ajudam a dar uma definição ao espaço social e cultural. Para Pesavento (2002, p.36), as fronteiras são a linha que guia e aponta sentidos socializados de reconhecimento e, portanto, o conceito de fronteira “avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença”.

O conceito de fronteira passa a concepção de um limite geográfico, de algo estático, para ser compreendida com sentido de integração de diversidades culturais, fusão de peculiaridades regionais, desbravamento de territórios e expansão do conhecimento. O caráter de trânsito, de passagem existente no conceito de fronteira cultural, estimula de certa forma, o novo, por meio da troca de valores, comportamentos, ideologias vigentes e do surgimento daquilo que podemos chamar de hibridismo, abertura para a mestiçagem cultural e étnica. Cabe lembrar que a integração existente entre os povos vizinhos não resulta de uma ação planejada, pois é anterior às linhas físicas demarcatórias. Geralmente o relacionamento entre os povos vizinhos acontece de maneira tão natural, que o lugar onde estão, passa despercebido. É um relacionamento sem fronteiras.

Huntington (1994, p.120), argumenta que as diferenças entre as civilizações são um fator de estabelecimento de fronteiras culturais, o que podemos entender como barreiras subjetivas que se materializam no espaço com a formação de mercados e blocos, ou servem de empecilho para seu estabelecimento, assim “as fronteiras que no novo mundo globalizado unirão ou excluirão os povos passarão a ser cada vez mais demarcadas em função de elementos subjetivos, baseados principalmente em aspectos culturais”.

Diante deste contexto de organização e integração de fronteiras culturais, apresenta-se um elemento característico das faixas fronteiriças, o multiculturalismo. Este, é fruto da heterogeneidade dos modelos culturais ocasionada pela mobilidade espacial de informações e relações entre as pessoas advindas de diversos lugares, seja presencialmente ou por meio dos veículos de comunicação. Chiapinni (2002) explica o conceito de multiculturalismo e aponta de que maneira se manifesta este fenômeno:

[...] conseqüência de múltiplas misturas raciais e culturais provocadas pelo incremento das migrações em escala planetária, pelo desenvolvimento dos estudos antropológicos, do próprio direito e da lingüística, além das outras ciências sociais e humanas, o multiculturalismo acaba sendo, antes de mais nada, um questionamento das fronteiras de todo o tipo, principalmente da monoculturalidade e, com esta, de um conceito de nação nela baseado. Visto como militância, o multiculturalismo implica reivindicações e conquistas por parte das chamadas minorias. Reivindicações e conquistas muito concretas: legais, políticas, sociais e econômicas. (CHIAPINNI, 2002, p.43).

A heterogeneidade do multiculturalismo torna-se, de certa forma, homogênea quando são unificadas as diversidades culturais, as quais passam a formar uma identidade cultural única. Como no caso da fronteira, onde são vivenciadas manifestações culturais consensuais, peculiares da relação entre os povos vizinhos. Os limites nacionais e até mesmo limites lingüísticos têm uma alta arbitrariedade já que o multiculturalismo transformou as fronteiras em um limite poroso e transponível. A diversidade cultural e étnica, antes percebida como ameaça iminente para a identidade nacional, passa a ser vista também como fator de enriquecimento e abertura para múltiplas possibilidades de troca de experiências, conhecimento e fortalecimento das nações. Neste sentido, Vares (2002) acredita que a identidade nacional pode ser enriquecida com novas relações e experiências, especialmente na faixa de fronteira:

Que as nossas gerações leiam Jorge Luis Borges, ouçam Astor Piazzola, leiam Eduardo Galeano; que os uruguaios e os argentinos leiam Cyro Martins, leiam Dyonélio Machado, ouçam Nei Lisboa. Esse é o sentido efetivo, essa destruição de fronteiras e ao mesmo tempo a afirmação da identidade. Pensamos que não é correto buscar uma identidade em que desapareçam as particularidades. O universo só pode ser compreendido na medida em que o singular permanece. [...] Se o argentino continuar sendo argentino, se o uruguaio continuar sendo uruguaio, se o brasileiro continuar sendo brasileiro e no universo brasileiro, o gaúcho continuar sendo gaúcho com a sua linguagem, a sua concepção de vida. Então sim, aí é possível falar em uma integração. (VARES, 2002, p.25).

Para a compreensão mais ampla do sentido das fronteiras culturais é relevante lembrar a abrangência de seu conceito. Muito mais do que a idéia de cultura como contemplação, em especial, do campo clássico, as letras e as artes que instigam a sensibilidade e a imaginação, Moraes (2002), procura dar um sentido mais abrangente ao conceito de “cultura” e a interpreta como “um modo, um jeito de ser e de estar no

mundo”, o que possibilita às pessoas um amplo e complexo sistema de valores e de opções. Logo, a cultura pode ser vista “como tudo aquilo que é produzido, sentido e pensado em determinadas circunstâncias históricas, circunstâncias de tempo e de espaço”. Deste modo, a cultura deixa de ser *produzida* em um local específico e passa a ser algo reproduzível, integrável e diversificado. Surge então, o multiculturalismo. É da união das diversas culturas que são definidas as identidades culturais das nações. É deste sentido de contato e de integração entre diferentes classes, etnias e ações que a identidade cultural é construída.

O contato entre ambos os lados da fronteira permite que a cultura seja produzida por todos e não apenas para todos. Para que o indivíduo situe-se na condição de um sujeito autônomo, ele precisa identificar a si mesmo como algo mais amplo, um conjunto de elementos que vão desde ser visto como um membro de um grupo, sociedade, classe, estado ou nação. Ele encontra sua própria identidade então, por meio da identidade cultural e nacional, imaginada e estabelecida por convenção entre os indivíduos que compõem a nação.

Tal identidade é definida por vários elementos culturais, históricos e sociais. Todavia, para entender o que é identidade, afinal, e avaliar de que maneira ela é estabelecida, se faz necessário considerar a produção de sentido e o lugar onde o indivíduo vive e interage com a sociedade. Neste sentido, Castells (1999) explica a relação entre a identidade e o processo de produção de significado tendo por base um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. As identidades, em verdade, são um processo de autoconstrução e um modo de se autodefinir de acordo com a construção de significado individual, influenciada pela troca de experiências e realidade social, econômica, cultural e política em que ele vive. Ademais, a construção da identidade também é constituída por elementos históricos, geográficos, biológicos, instituições vigentes, pela memória coletiva, pelo contexto de poder e pelo modo de produção. Entretanto, essa construção é processada pelos indivíduos e grupos sociais que reorganizam seu significado de acordo com tendências sociais, políticas e culturais, complexificadas nas faixas de fronteira. Logo, a identidade individual é influenciada pelo coletivo e o coletivo será construído com base no conjunto das identidades individuais.

É importante destacar também, que muito embora o processo de autodefinição da identidade ocorra de acordo com a concepção individual, as pessoas têm se relacionado e se aproximado cada vez mais por meio das tecnologias de comunicação. Castells (1999, p.79), destaca que os indivíduos parecem resistir ao processo de individualização, procurando agrupar-se em organizações comunitárias que emergem um sentimento de pertença e contribuem para o surgimento de uma identidade cultural em comum.

As relações e interações dos indivíduos são intensas na faixa de fronteira Brasil-Argentina, em especial, permitindo que duas culturas nacionais distintas descubram interesses em comum e façam surgir traços comuns de identidade cultural, ou multicultural, muito mais complexa do que a identidade dada por pertença a uma nação.

Os processos de transformação das sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XX desestabilizam e, muito se ouve falar em crise da identidade que antes era percebida como algo estático, coerente e estável. Diante deste aspecto, Hall (2005, p.12) afirma que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma mão única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

Contudo, a crise ou o deslocamento da identidade ocasionado pela era da globalização não tem se caracterizado apenas por pontos negativos. Isto porque, a globalização tem facilitado um maior contato e troca de experiências entre as culturas e permite criar novas identidades, produzir uma nova concepção de significados, ampliar a visão de mundo dos sujeitos e abre a possibilidade de novas articulações e ações que possam melhorar a qualidade de vida e levar à compreensão do passado e preparar-se estratégica e racionalmente para o futuro. Os meios de comunicação assumem, neste sentido, papel fundamental para aproximar o contato entre culturas diferentes. Na região em estudo, por exemplo, o rádio propaga a identidade fronteiriça e medeia a relação cultural entre os povos vizinhos. Entretanto, Hall (2005) lembra que “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”. Assim, o modo como ocorre a interação ou infiltração de uma cultura em outra define se esta irá abalar ou agregar à identidade dos indivíduos pertencentes a nações distintas.

A globalização que parte da troca material e simbólica contribui também para a disseminação de novas concepções culturais. Os processos inerentes à globalização atuam de modo global ultrapassando fronteiras nacionais e conseqüentemente culturais. Mattelart (2004), contrapõe a questão da globalização como algo que remonta há uma ou duas décadas e sugere que o movimento de unificação do mundo e da heterogeneidade cultural já se manifestava em um processo de longa duração do desenvolvimento capitalista, construído nos imaginários como realidade desde a conquista das Américas pelos europeus, momento da consolidação do projeto universalista da modernidade ocidental. Todavia com a ascensão de novas tecnologias de comunicação e informação ela mostra-se de forma mais presente no cotidiano das pessoas, desde as decisões menos complexas ao modo de se comunicar e viver. A propagação global das identidades faz com que elas se encontrem livremente, independente do contexto, espaço ou tempo, que foge ao controle dos indivíduos que vivem em uma sociedade tomada pelo crescente processo de globalização. É a rede de sociedades ou as sociedades em rede.

### **Rádio Regional e Fronteira**

O caráter popular e a grande abrangência do veículo rádio, permite que ele ultrapasse fronteiras físicas e culturais, interferindo na construção da identidade de seus ouvintes. Ao mesmo tempo, o fazer radiofônico é influenciado pelo ambiente cultural -ou multicultural - que o rodeia. Nem mesmo o idioma impede a relação de brasileiros e argentinos através do rádio. Os argentinos não consideram a língua um empecilho para ouvir rádios brasileiras. Desta relação surge uma linguagem peculiar desta região, uma fusão cultural de idiomas, conhecido popularmente como “*portunhol*”, que é uma integração da língua portuguesa, falada no Brasil, com a língua espanhola ou castelhano, idioma dos argentinos.

A partir do material coletado e das entrevistas realizadas durante as visitas às emissoras de rádio é evidente a influência da faixa de fronteira no fazer radiofônico das emissoras em estudo. No ano de 2008, foram visitadas seis das emissoras integrantes das regiões Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial. São elas: Rádio Regional AM e Rádio Acesa FM de Santo Cristo, Rádio Santa Rosa AM e Lidorsom FM de Santa Rosa, Rádio Progresso de Ijuí e Rádio Difusora AM de Três Passos.

Por meio do resgate da história destas emissoras, evidenciou-se a questão musical como uma das principais causas de interação entre brasileiros e argentinos. O gosto pela música de bandas regionais (brasileiras), e pelo som de grupos tradicionalistas gaúchos liga os dois povos na mesma sintonia. Luís Carlos Rossato<sup>4</sup>, diretor da Rádio Acesa FM de Santo Cristo, aponta os motivos que levam argentinos a ouvir a rádio brasileira e lembra que a música missioneira, por exemplo, é fruto da interação entre os povos vizinhos:

O primeiro viés é a questão musical que nós temos uma identidade muito grande. A própria música missioneira é fruto de uma integração de toda essa região aqui que ultrapassa o Rio Uruguai, o Rio Paraná, atravessa as missões, lembrando aí a questão do povo Guarani. Então temos alguma identidade por aí na questão musical e também nossa cidade, de certa forma, também é turística, uma cidade de turistas e nós temos principalmente no período de verão por causa dos balneários, aqui na cidade, a visita de muita gente da Argentina. Isto conseqüentemente vem fazer com que eles interajam, vem a interagir com a nossa rádio e nós também para acolhê-los bem fazemos alguma ligação (ROSSATO, 2008).

Uma peculiaridade que chama a atenção são as denominadas “músicas de bandinhas<sup>5</sup>”, que fazem parte do gosto musical de brasileiros e argentinos e se destacam como fator determinante de união entre os dois lados da fronteira. Este fator foi destacado em todas as emissoras visitadas. Em conseqüência disto é perceptível a ascensão no número de bandas deste estilo em toda a região e, os freqüentes bailes que ocorrem de ambos lados da fronteira e que integram brasileiros e argentinos. O locutor da Rádio Regional AM de Santo Cristo, Fabiano Lopes<sup>6</sup> ressalta que a região noroeste do estado do Rio Grande do Sul é um expoente de bandas, o que favorece a relação entre os povos fronteiriços e os incentiva a acompanhar e participar da programação da emissora:

Aqui na fronteira, atravessando o Rio Uruguai, tem muitas pessoas que são daqui da nossa região, que estão habitando ali no país vizinho, e que acompanham nossa programação. Alguma programação a gente sempre procura destacar relacionado ao país vizinho, várias informações também. Mas a parte musical está sendo agregado muito.

<sup>4</sup> Entrevista pessoal concedida em 23 de junho de 2008, Santo Cristo/RS.

<sup>5</sup> As músicas de “bandinhas” constituem um estilo musical característico e muito popular no sul do Brasil, sendo uma variação da música típica trazida pelos imigrantes alemães. A interação entre brasileiros e argentinos consolidou e criou características bem definidas para esse estilo. Após consolidar-se como um gênero musical, o ritmo de bandinhas vem crescendo gradativamente e está conquistando mais espaço no cenário musical brasileiro, em especial nas emissoras de rádio das regiões onde a colonização alemã ocorreu com maior intensidade, que reservam grande parte de sua programação para veiculação de músicas deste gênero.

<sup>6</sup> Entrevista pessoal concedida em 13 de maio de 2008, Santo Cristo/RS.

Há relação entre as bandas de um vocal com a música de nossos hermanos, no estilo espanhol e isto está sendo bastante introduzido visto que a nossa região também é um expoente aqui se tratando de músicas em conjunto, enfim, e esta parceria está sendo firmada. Os conjuntos daqui vão buscar músicas, letras na Argentina e o pessoal da Argentina vem buscar aqui também músicas para introduzir na sua programação e mesmo no estilo musical que faz sucesso tanto nas emissoras, nos encontros, nos bailes e nas festas.(LOPES, 2008)

Outro aspecto relevante é a existência de muitos imigrantes brasileiros que hoje moram na Argentina e mantém o laço com seu país de origem por meio das ondas do rádio. O veículo rádio, muitas vezes, é um meio de interação entre familiares e conhecidos que se distanciam fisicamente pela faixa de fronteira, porém conservam a comunicação através de recados, avisos de utilidade pública (em especial notas de falecimento e avisos de festas), homenagens e pedidos musicais. As músicas solicitadas, muitas vezes na língua alemã, são consequência da imigração de descendentes de alemães que moravam no Brasil e que hoje vivem no lado argentino. O diretor da Rádio Santa Rosa AM e Lidorsom FM de Santa Rosa, Roberto Donadel<sup>7</sup> acredita na interação das famílias através do rádio e também ressalta o viés musical como fator de integração.

Eu vejo influência, mas nós influenciemos também. Por que o fato é o seguinte, as emissoras entram lá na Argentina e com um diferencial. Esse lado argentino de um modo geral são tudo descendentes da nossa região. Na Argentina, no momento da imigração, um irmão ficava aqui na região e outro irmãozinho ia lá pra Argentina. Mas acontece que a pessoa quer ouvir a música daqui né, e gostamos também da música argentina né. Ah poxa, entra bem nessa região. A turma gosta. (DONADEL, 2008).

Através das ondas do rádio, a distância já não é impedimento para que as pessoas possam se comunicar e se relacionar com seus entes queridos que estão do outro lado da fronteira. Lopes também relata que muitos ouvintes argentinos participaram da programação da Rádio Regional de Santo Cristo como forma de interagir com os parentes separados pela fronteira física e cultural:

Lá no início do meu trabalho aqui na emissora, percebia às vezes a participação em si de pessoas da Argentina. Não digo em si do pedido musical, mas muitas vezes informações relacionadas a parentes enfim e buscando a emissora como meio de comunicação visto que naquele período também, não tinha sido introduzido também, o aparelho celular, o pessoal não tinha uma comunicação facilitada como hoje em

<sup>7</sup> Entrevista pessoal concedida em 3 de julho de 2008, Santa Rosa/RS.

dia acontece, que cada pessoa tem aí seu aparelho celular tanto na cidade como no interior. Então, antigamente para essas e outras informações, relacionadas às famílias enfim, a rádio era utilizada sim, mas hoje em dia, a participação do ouvinte em si é, mais, é na base musical. A gente sabe que passando aqui a fronteira nós temos muitos ouvintes, principalmente nessa região aqui que é próxima aí, que é em torno de vinte, trinta quilômetros daqui e a emissora abrange outras regiões aí na Argentina o pessoal participa como ouvinte na nossa solicitação musical que é mais voltada aqui para o nosso município, mas participa sim (LOPES, 2008).

A presença do jornalismo e das notas de utilidade pública aparece como um aspecto importante nas emissoras das regiões em estudo. São apenas quatro emissoras que não praticam jornalismo: Mauá FM de Tuparendi, Iguatemi FM de Ijuí, Guairá FM e Liderson FM – ambas de Santa Rosa. Entretanto, mesmo não tendo equipes jornalísticas definidas, elas veiculam o espaço de notícias determinado pela legislação brasileira. De qualquer modo, os avisos de utilidade pública, em especial, fazem parte da programação de todas as emissoras de fronteira, de maneira intensa, já que são muito apreciados pelo público. O gerente da Rádio Regional AM de Santo Cristo, Baldur Bohrer<sup>8</sup>, menciona que os avisos de utilidade pública são, muitas vezes, uma forma de integração entre os povos vizinhos e a emissora brasileira procura incentivar os ouvintes de outros países a participarem de sua programação.

Eu acho que nós participamos mais da vida dos, não digo dos argentinos mesmo, mas dos brasileiros que vivem na Argentina. Nós temos ouvintes até mesmo no Paraguai, uma grande parte dessa costa do Rio Uruguai aí são ouvintes da Rádio Regional e a gente tem conhecimento por que lá muitas vezes falece uma pessoa, e nós temos um espaço, que normalmente se chama de Utilidade Pública, de aviso de utilidade pública, onde sai baile, sai festa, sai convite para casamento, onde sai falecimentos, agradecimentos né. As pessoas que, os familiares das pessoas que falecem, somos sabedores, que temos ouvintes inclusive no Paraguai, em razão justamente desse programa. Quando falece uma pessoa, ou as pessoas vem visitar os parentes aqui, vem aqui na rádio dizendo que são ouvintes da rádio. Na Argentina, no Paraguai, em várias cidades (BOHRER, 2008).

Ademais, a transnacionalização da cultura efetuada pelas tecnologias comunicacionais, em especial pelas ondas do rádio, aproximam e criam laços multiculturais que alimentam a identidade fronteiriça entre Brasil e Argentina. Neste sentido, a globalização e o avanço das tecnologias de comunicação como a internet,

---

<sup>8</sup> Entrevista pessoal concedida em 13 de maio de 2008, Santo Cristo/RS.

exercem importante influência, sendo responsáveis também, pelas principais interações entre as emissoras de rádio e seus ouvintes. São vários os registros de cartas, telefonemas e mais recentemente de mensagens eletrônicas de ouvintes argentinos que acompanham a programação das emissoras de rádio do país vizinho. Estes, geralmente solicitando pedidos musicais e manifestando seu apreço pela cultura do outro povo. O locutor da Rádio Progresso de Ijuí, Delfino Coimbra<sup>9</sup>, afirma que este laço faz com que muitos brasileiros incentivem os argentinos a ouvir emissoras de rádio brasileiras.

Nós já recebemos cartas de cidades próximas, principalmente da costa. E às vezes gente daqui que foi pra lá, faz propaganda lá do Rio Grande do sul e aquela coisa. Isso aí existe e agora com esse negócio da internet, vem correspondência, vem e-mail de vários pontos do mundo vem pra cá né. Gente que tá lá do outro lado, acompanha a programação da gente se quiser (COIMBRA, 2008)

Através das entrevistas realizadas com os profissionais e ouvintes das emissoras de rádio das regiões Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial, pode-se sinalizar como principais motivos que unem Brasil e Argentina através das ondas do rádio, a questão musical, os imigrantes brasileiros que vivem do lado argentino e que mantém contato com seu país de origem por meio do rádio, o fator comercial, os avisos de utilidade pública, os recados e pedidos musicais.

A cultura fronteira é multifacetada, por isso sua complexidade em descrevê-la. Isto porque, não é possível apontar apenas uma cultura homogênea, mas distintas formas de manifestações culturais que convivem em um mesmo espaço e se integram simbolicamente, sem perder suas peculiaridades. A cultura passa a ser considerada como um ‘bem público comum’, e extravasa os limites da fronteira física para dar espaço também, à fronteira cultural.

### **Considerações Finais**

As características da relação Brasil-Argentina estão explícitas no fazer radiofônico das emissoras localizadas nas regiões fronteira Noroeste e Noroeste Colonial. São muitos os registros e relatos de cidadãos argentinos que ouvem assiduamente as rádios brasileiras e participam de suas programações. Além disso, os

---

<sup>9</sup> Entrevista pessoal concedida em 21 de agosto de 2008, Ijuí/RS.

radialistas e ouvintes brasileiros não se surpreendem com a participação de argentinos durante a programação, ou ao atravessar a fronteira ouvir uma estação brasileira sintonizada, pois é um hábito já arraigado na região. É uma relação cotidiana e natural.

As músicas de bandas regionais são em sua grande maioria provenientes de uma terceira cultura que colonizou as regiões em estudo e parte do leste argentino: a cultura alemã. Este fator leva os dois povos a possuir um gosto musical semelhante e aproxima a relação destes através das ondas do rádio. Por este motivo ritmos e sons provenientes da cultura argentina foram adaptados para as bandas regionais, bem como, os argentinos criaram suas próprias bandas no estilo brasileiro. Assim, o ritmo *katchaka*<sup>10</sup> muito disseminado na Argentina, por exemplo, influenciou várias bandas brasileiras a adotar o ritmo em seu repertório. Da mesma forma, as músicas regionais típicas de bandas alemãs também influenciam as bandas argentinas. Logo, ocorre uma interação e troca cultural. Já os avisos de utilidade pública e o noticiário permitem que o povo compreenda e conviva com a outra cultura.

Diante dos fatos mencionados, a relação entre rádio e ouvinte também consente o relacionamento entre os próprios ouvintes, mesmo estando em lados opostos da fronteira. Unidos na mesma sintonia, brasileiros e argentinos, constroem aquilo que podemos denominar como a identidade fronteiriça nas ondas do rádio, onde as manifestações culturais ultrapassam as fronteiras físicas e transformam o que antes era cultural em multicultural.

### Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3ª Edição. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIAPPINI, Luisa. Multiculturalismo e Identidade Nacional. In: MARTINS, Maria Helena (org e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

FERRARRETO, Luiz Artur. **O veículo, a história e a técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

---

<sup>10</sup> A *katchaka* é um ritmo que surgiu no México na década de 70 expandindo-se por toda a América Latina, e portanto, um dos ritmos mais executados nas emissoras de rádio dos países de língua espanhola. Na década de 90, o então vocalista da Banda Corpo e Alma lançou com sucesso o ritmo na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, que logo se disseminou inclusive para outros países. Por esta razão, Vanderlei Rodrigo ficou conhecido como o “*katchaqueiro da América do Sul*”, já que suas músicas tocam desde o Uruguai até o México.



HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª Edição. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DpeA, 2005. 104 pág.

HUNTINGTON, Samuel P. **Choque das civilizações?** Política Externa. São Paulo: Paz e Terra / USP, p. 120-141, março 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et al]. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MATTELART, Armand e Érik Neveu. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 215 p.

MORAES, Margarete. Caminhadas além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.

VARES, Luiz Pilla. Fronteiras Culturais. In: MARTINS, Maria Helena (org e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

Entrevistas Realizadas:

BOHRER, Baldur. **Rádio Regional AM**. Santo Cristo, 13 de maio de 2008.

COIMBRA, Delfino. **Rádio Progresso AM**. Ijuí, 21 de agosto de 2008.

DONADEL, Roberto. **Rádio Santa Rosa AM**. Santa Rosa, 03 de julho de 2008.

LOPES, Fabiano. **Rádio Regional AM**. Santo Cristo, 13 de maio de 2008.

ROSSATO, Luis Carlos. **Rádio Acesa FM**. Santo Cristo, 23 de junho de 2008.